



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**Adrian Geovana Nunes Gomes (2)**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-789

**Entrevistada:** Adrian Geovana Nunes Gomes

**Nascimento:** 05/04/1990

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte

**Entrevistador/a:** Natália Bender

**Data da entrevista:** 09/07/2017

**Transcrição:** Guilherme Goulart Baraibar

**Copidesque:** Natália Bender

**Pesquisa:** Guilherme Goulart Baraibr

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 32 minutos e 55 segundos

**Páginas Digitadas:** 12 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Natália Bender intitulado *A Ginástica Artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início e Formação no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE); Condições financeiras da família; impressões sobre o ensino no CETE; Início na ginástica; Mudança para o União; Comparação entre o CETE e o União; Relação com as pessoas do clube; Rotina de treinos; Acompanhamento psicológico; As obrigações escolares; Estrutura do CETE, União e UFRGS; Transição pra UFRGS; Acompanhamento do clube; Primeiras competições; Investimento no esporte; Visibilidade; Patrocínios; Bolsa-Atleta; Inspiração na carreira; Técnicos de destaque; O primeiro campeonato; As técnicas de ballet; Acompanhamento da família; Lesões e sobrepeso.

Porto Alegre, 9 de junho de 2017. Entrevista com Adrian Geovana Nunes Gomes a cargo da pesquisadora Natalia Bender para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

N.B. – Primeiramente boa tarde. Obrigada pela disponibilidade, a gente sabe o quanto é difícil conciliar o tempo. Bom, para começar eu gostaria que tu contasse um pouco sobre o lugar onde tu nasceu, e como foi o início assim da tua infância.

A.G. – Bom, eu nasci aqui mesmo em Porto Alegre, mais precisamente na Santa Casa<sup>1</sup>, eu morei no bairro Santa Tereza muitos anos, acho que vinte e dois anos. Tive uma infância meio conturbadinha assim, meu pai não era muito presente né, mas ele estava com a minha mãe sempre, eu ia pra escola, estudava no CETE<sup>2</sup>...

N.B. – Sempre estudou lá?

A.G. – Não... Depois primeiro ano, segundo, terceiro ano até o sexto ano eu estudei lá... até o quinto, depois eu troquei e com seis anos, quase sete, eu fiz... Eu comecei a fazer ginástica ali no CETE mesmo, e ai depois disso, eu fui para o União<sup>3</sup> e fiquei lá até os meus quinze. E como era dentro da comunidade, do bairro que tu morava e tal era bem complicado; naquela época já era, né, agora não sei mais como que está lá porque já me mudei. Mas era *bem* difícil, eu lembro que eu saia as seis horas da manhã e voltava umas dez e meia porque era a última a ser largada da van e, às vezes, a minha mãe ficava lá em cima me esperando, porque eu morava na última casa, do último beco, daí ela tinha que me esperar lá em cima para me pegar e me levar quando a van viesse me buscar. Várias vezes eu não fui no treino por questão de tiroteio, por toque de recolher, essas coisas de comunidade, mas nada nunca aconteceu assim, comigo ou com a minha família.

N.B. – E como era a condição financeira da tua família? Foi difícil esse início da carreira, como é que foi?

---

<sup>1</sup> Hospital Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

<sup>2</sup> Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

<sup>3</sup> Grêmio Náutico União de Porto Alegre.

A.G. – Então eu não lembro muito porque eu era bem minúscula [RISO], mas eu acredito que deve ter sido, sim, para minha mãe para o meu pai. Eu lembro que várias vezes não tinha passagem pra eu ir treinar, eu eu descia *todo* o morro a pé e, às vezes subia... Às vezes minha mãe me buscava na escola porque ela pagava alguém pra me leva no treino, não lembro quem era, porque naquela época não tinha turno integral na escola, era só de manhã. Eu ia pra casa almoçar e tinha que voltar pra escola, então, eu acho que era bem complicado assim, pelo o que eu me recordo.

N.B. – Então tu estudou desde a educação infantil no CETE?

A.G. – No CETE sim.

N.B. - Enfim, como é que era a escola, a estrutura da escola?

A.G. – Naquela época era boa, eu gostava bastante assim, as professoras... Hoje acho que tem duas que estão lá, que dão aula para o meu irmão que inclusive estuda lá. Do resto eu nunca mais eu vi, se perdeu, mas na minha época era super boa a escola, tinha esse turno de esporte, de coisas para os alunos. De manhã tinha estudo, de tarde eu lembro que também tinha estudo, mas era tudo muito bem organizado.

N.B. – Agora já não é mais. [RISO]

A.G. – Sim. Tinha esse incentivo de começar a praticar esporte desde muito cedo...

N.B. – Talvez isso tenha influenciado, a questão de tu ter iniciado cedo na ginastica, né.

A.G. – Sim, porque tinha... Na verdade fazia parte da prática de Educação Física a ginástica; tinha outros esportes também, mas me convidaram para fazer ginástica, e eu acabei ficando.

N.B. – E como é que era assim, essa Educação Física que tu tinha a prática da ginástica, como é que era? Era durante um semestre, durante o ano inteiro...

A.G. - Não, cada semana a gente ia para um esporte porque, na verdade, a disciplina de Educação Física que a gente tinha era no pátio e, de vez em quando, uma vez na semana, uma vez no mês alguém ia lá e convidava: “Vamos fazer não sei o quê.” Alguém convidava a professora para levar os alunos, a gente ia, onde nos mandavam a gente estava indo. Mas era mais na ginástica do que os outros. Eu lembro que a gente ia mais na ginástica do que nos outros esportes assim.

N.B. – Talvez até pela questão da Daiane<sup>4</sup> ter sido descoberta lá, tenha talvez essa influência. Então, a tua relação com o esporte começa no CETE, ou por exemplo na comunidade, nas praças...

A.G. – Não, começa no CETE.

N.B. – Então vamos falar um pouquinho da tua inserção na ginástica. Com que idade tu começou?

A.G. – Foi de seis para sete anos.

N.B. – E quais foram as pessoas importantes para esse início? Tu te espelhou em alguém?

A.G. – No início assim, eu sempre fui muito desligada. Sempre! No início eu lembro que quem me convidou pra fazer ginástica foi a professora Cleusa<sup>5</sup> que também foi quem viu a Daiane na praça. Eu lembro que eu fiquei lá, acho que um ano, um ano e pouquinho. Competi uma copa escolar no ano de 1997, depois na metade do ano, eu competi... 1997 ou 1996 nem lembro mais, mas foi por aí e eu competi outra copa escolar, lá em Caxias do Sul. Depois eu fui fazer um teste no União<sup>6</sup> e lá eu fiquei.

N.B. – E como é que foi, essa transição do CETE para o clube? O que tu sentiu de diferença tanto nas meninas que praticavam contigo.

---

<sup>4</sup> Daiane dos Santos

<sup>5</sup> Cleusa de Paula

<sup>6</sup> Grêmio Náutico União.

A.G. – Na verdade no CETE era mais recreio, sabe assim, mais brincadeira e tal. Claro que tinha as competições que a gente achava muito legal. Na verdade não valia quase nada, mas para a gente que era pequenininha valia muito; depois quando eu fui fazer esse teste no União, eu vi as pequeninhas da minha idade, treinando, mas treinando muito, bem forte. Inclusive quando eu cheguei lá, tinha uma chorando nesse dia, mas eu não me assustei; eu lembro que eu não fiquei assustada, eu lembro que a transição foi bem complicadinha, era longe da minha casa. No CETE eu podia ir a pé e voltar, mas o União não. Mas como minha mãe trabalhava perto do clube, de uma certa forma foi fácil, mas de outra não porque os horários não batiam; os horários da minha mãe, e aí o meu tio... Eu dei sorte do meu tio começar a trabalhar na quadra da frente e a gente não ganhava van ainda, então, eu comecei a ir com ele de noite. Eu ia de manhã para treinar e depois voltava com ele. Depois de uma época ele saiu e eu fiquei indo sozinha de ônibus, acho que com nove e dez anos eu já pegava ônibus sozinha.

N.B. – Sim, mas como é que era a rotina de treino, a questão dos treinadores, das meninas dentro do União?

A.G. – No início eu treinava uma vez no dia: de segunda à sexta; depois começou a ir para o sábado, a adicionar o sábado e depois de um certo tempo comecei a treinar dois turnos. Das oito ao meio dia, ou até as onze e meia não lembro e depois das seis e meia até as nove. Isso segunda, quarta e sexta; terça e quinta eu não lembro, mas acredito que era só de manhã, ou só de noite e sábado sempre foi só de manhã, das nove ao meio dia... Das oito ao meio dia, no início né, depois passou pras nove ao meio dia. E aí os treinadores sempre foram muito rígidos. Na minha época eram mais que agora; agora eles são mais queridos, mas na minha época eles eram mais rígidos. Eles brigavam mais, a gente apanhava mais, a gente... Querendo ou não era uma forma de disciplina porque atleta de alto rendimento, ou que quer ser alto rendimento, ou que eles vem que tem futuro, eles acabavam puxando um pouco mais, então, era dolorido para nós. Não tinha uma semana que a gente não chorava, que a gente não voltava para casa chorando, se quebrava muito, fazia muita fisioterapia, desde pequenininha.

N.B. – E circular dentro do clube, como é que era? Podia treinar na academia, existia todo um preparo?

A.G. – Naquela época não. Naquela época não tinha o que a gente tem hoje, a cabeça aberta que as pessoas tem hoje. Naquela época a gente só treinava no ginásio e eu lembro que depois de uns dois, três anos no clube, a gente começou a ter psicóloga.

N.B. – Sim, acompanhamento...

A.G. – É, mas a gente descobriu que a psicóloga passava tudo para treinadora e a gente começou a não contar as coisas, Aí já não fazia mais efeito. E a gente não contava para os técnicos óbvio... Óbvio que a gente não contava para eles as coisas, mas eles viram que não estava mais fazendo efeito depois de um certo tempo... Tinha só a psicóloga e a fisioterapia quando a gente se machucava.

N.B. – E como é que foi a questão dos estudos. Quando tu passou a treinar dois turnos, tu teve que estudar de noite? Atrapalhou de alguma forma os teus estudos?

A.G. – Na verdade sempre atrapalhou [RISO] porque a gente não tinha muito tempo. A gente treinava das oito ao meio dia, onze meia ao meio dia, almoçava no clube e ia para a escola de tarde; a escola era da uma e quinze às seis e aí a gente voltava para o União, porque eu tinha que treinar às seis e meia. Então a gente tinha meia hora pra caminhar lá da Cristóvão<sup>7</sup>, até o clube e se vestir e comer alguma coisa para ir treinar. Então era bem conturbadinho porque a gente chegava em casa destruída, não tinha como estudar, não tinha como [RISOS]. E sábado a gente treinava de manhã e de tarde... Podre, dormia até de noite. Aí sábado de noite pegava algumas coisinhas de livro, que a mãe e o pai diziam: “Tem que estudar!” “Tá, tá, tudo bem, eu vou.” E domingo era a mesma coisa, mas assim, eu nunca rodei, porque meu pai sempre foi rígido com isso, de cuidar a escola e ele até brincava: “Se vocês rodarem...” Vocês por causa da minha irmã, mas na verdade na época era mais eu: “Se tu rodar eu vou *cortar* teu cabelo!” Então eu tinha muito medo de ficar careca, muito medo. E aí eu sempre dava um jeito, colava, que eu não tinha tempo para estudar, pagava para o pessoal fazer trabalho... Imagina isso com, deixa eu ver, dez, doze anos, eu acho... Imagina como é que foi. [RISO]

---

<sup>7</sup> Avenida Cristóvão Colombo.

N.B. – Eu queria que tu falasse um pouquinho da estrutura do clube quando como tu começou, tanto do CETE como do União. Depois já encaminhando para quando tu foi para a seleção... Como é que era a estrutura, equipamentos, enfim...

A.G. – No CETE, eu me recordo pouca coisa, mas eu lembro que dava para usar tudo; dava para fazer tudo. Eu acredito que era uma estrutura boa, claro, que não é a estrutura que tem hoje, que hoje lá, apesar de estar abandonado, os aparelhos são novos, então, tem uma estrutura excelente assim.

N.B. – Que pena né.

A.G. – É, mas na minha época também era boa, para época era boa. No clube também era bom; o espaço do clube sempre foi pequeno para ginástica, mas sempre comportou todos os aparelhos, sempre dava para gente fazer tudo, e aí depois assim, o da seleção sempre foi bem melhor, sempre foi melhor que todos os outros.

N.B. – Até aqui na UFRGS<sup>8</sup> mesmo no período que tu treinou aqui...

A.G. – Sim, aqui na UFRGS, logo que eu entrei os aparelhos eram mais velhinhos, mas igual dava para fazer tudo, mas depois que veio os aparelhos novos, aí ficou muito melhor, agora eu não sei como está, mas na época era bom.

N.B. – Ainda está em condições, não sei em questão de treinamento, mas ainda está. Quando tu saiu do União para treinar aqui na UFRGS, como é que foi essa transição? Porque tu trocou? Tu lembra?

A.G. – Lembro, eu tinha quinze anos. Eu fui para seleção e sai por indisciplina porque eu engordei muito e não emagrecia nunca. Aí eu voltei para o clube e queria parar de treinar. Não queria mais, aí depois de uns dois meses parada, eu quis voltar a treinar, mas não me deixaram voltar para o clube. Eu fui pra São Paulo, fiquei um mês em São Paulo e o clube

---

<sup>8</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

trancou tudo, todas as papeladas, não consegui ficar, voltei pra Porto Alegre, e aí que eu vim treinar aqui. Na verdade meu pai veio falar pra eu treinar aqui. O treinador era o Sérgio<sup>9</sup>, que tinha saído da Sogipa<sup>10</sup> para vir pra cá, e aé eu fiquei aqui até 2007, acho que até 2008, final de 2008 por aí.

N.B. – E aqui tu não tinha essa questão de acompanhamento de psicóloga. Em algum momento tu teve alguma coisa de acompanhamento nutricional?

A.G. – Não, aqui não.

N.B. – Fora daqui também não, nos outros clubes?

A.G. – Nos outros clubes teve. No União tinha, mas depois de um certo tempo foi ter assim de nutri, foi bem depois. E na seleção, antes de eu entrar eles tinham, e depois eles não tinham mais.

N.B. – E como é que foi... Tu mudou muito a tua rotina quando tu começou a participar de competições maiores?

A.G. – Então, eu comecei a participar de competição de verdade com 9 anos, os campeonatos brasileiros da vida. Até então eu não tinha ideia do que eu estava fazendo, ai com 10 anos a gente foi classificada, por um Panamericano Interclubes, que hoje já não existe mais. Foi no México e foi ali que eu vi que realmente estava fazendo efeito todo aquele sofrimento, toda aquela coisa. Eu sempre levava a sério, mas não tanto. Acho que fui levar a sério lá pelos 12 anos, porque começou a apertar mais o calo, né!

N.B. – E tu te lembra, mais ou menos nessa época, a situação da ginástica no Rio Grande do Sul, quanto no Brasil... A questão do investimento, dos campeonatos.

A.G. – Investimento não era nada, aliás, até hoje não é comparado ao que gente faz, ao que a gente treina, ao risco que a gente corre todos os dias. Não é nada, mas antigamente era

---

<sup>9</sup> Sérgio Stringhini

<sup>10</sup> Sociedade de Ginástica de Porto Alegre.

pior porque a gente não tinha apoio do governo; era só apoio do clube, na verdade, não digo na financeiramente, mas tinha van que nos levava para casa, tinha almoço no clube, mas depois de um certo tempo a história de van parou. Não sei o que aconteceu, não tive conhecimento, acho que eu lembro é isso assim.

N.B. – E a visibilidade na mídia, era um esporte, que tinha alguma visibilidade?

A.G. – Não. Só foi ter visibilidade mesmo quando a Daiane ganhou a competição dela, o Mundial. Eu nem lembro quando foi, acho que foi em 2004 que isso aconteceu, 2003, 2004 e foi ai que eu vi que começou a aparecer, porque até então não havia nada na TV, ninguém sabia...

N.B. – Nesse período da carreira tu teve algum patrocínio? Alguma parceria com o clube, alguma coisa do governo?

A.G. – Não. Não teve nada. Teve um, não lembro o que ele era, governador, senador, deputado, não lembro agora o que ele era... Vereador sei lá, era vereador lembrei era vereador, ele começou a se interessar, mas de repente ele perdeu todos os meus certificados; minha mãe ficou muito muito braba porque certificado é uma coisa que não se pega de volta e a gente deu uma pasta que ele queria dar uma olhadinha para ver a história e tal. Ele perdeu e minha mãe resolveu... Não. Minha mãe tentou retomar o contato com ele várias vezes, mas ele nunca mais retornou.

N.B. – E tu não chegou a ter bolsa-atleta, nem nada disso?

A.G. – Só depois dos meus 20 anos.

N.B. – Tu chegou a ganhar?

A.G. – Ganhei sim.

N.B. – E tu tinha na modalidade atleta olímpico? Tu chegou a pegar...

A.G. – Não, não peguei. Eles não quiseram me dar porque... Na verdade eu não sei porque eles não queriam me dar. É que assim: como eu cheguei até a Olimpíada e me machuquei, acabei não competindo, eles tiraram meu nome da lista e aí eu não recebi como atleta olímpica. Esse ano acho até que eu não recebi... Eu recebi referente aos resultados do mesmo ano, eu achei até um pouco injusto porque eu recebi medalha de participação, recebi certificado e a guria que já estava no aeroporto e eu só me substituiu ali, nem fez todos os aparelhos, ela ganhou.

N.B. – E tinha alguma atleta na época que te inspirou, seja nível nacional ou mundial?

A.G. – Assim, me inspirar, não. Eu sinto que... Eu sou muito desligada [RISO], sempre fui, nunca me importei com o que os outros estavam fazendo, quem estava bem na ginástica, quem era campeão. Eu *nunca* me importei, nunca! Sempre fui ali, fiz meu papel e deu. Mas uma que eu sempre estava em contato era a Dai<sup>11</sup>, ela sempre me incentivava. Nas vezes que eu estava ruim, que eu estava chorando, aquelas coisas e eu via ela fazendo as coisas e eu queria fazer também as coisas. Mas não chegava a ser: “nossa eu queria ser muito, muito igual a ela”. Tinha uma reportagem que dizia que eu queria ser igual, que eu me inspirava muito nela, mas eu tinha 9 anos, 10 anos... É aquela coisa né, vai com os outros assim.

N.B. – E dos seus treinadores? Quais foram os treinadores que tiveram importância na tua trajetória?

A.G. – Eu tive a Cleusa, essa que me viu no CETE; tive a Adriana Alves, o Eliseu<sup>12</sup>, não lembro o sobrenome dele acho que era Bittencourt mas a gente chama ele de Kiko. Depois eu treinei com o Oleg Ostapenko, a Iryna<sup>13</sup>, já eram técnicos da seleção. Quando os meus técnicos não estavam, a gente treinava com os técnicos de outros clubes, quando eles não

---

<sup>11</sup> Daiane dos Santos.

<sup>12</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>13</sup> Iryna Ilyashenko

podiam viajar, aí a gente treinava... ficava aos cuidados do Ricardo do Rio<sup>14</sup>, do Roger<sup>15</sup>, da Viviane<sup>16</sup> que também era do Rio. E só isso que eu lembro.

N.B. – Enfim, tu lembra do primeiro campeonato que tu participou? Tu lembra qual foi a sensação que foi competir pela primeira vez?

A.G. – Que eu lembre, que eu senti assim um negócio “bah, que legal”, foi esse campeonato Pan-Americano de 2010. Ele me marcou muito porque eu quebrei o pé nesse ano, aí eu tive que me recuperar muito rápido para ir para essa competição. Lembro que eu até ganhei o segundo lugar nessa competição, não lembro, se não foi segundo foi primeiro.

N.B. – Primeiro.

AG.- Individual geral, e no outro dia eu competi muito mal. Eram dois dias de competição, no outro dia eu competi muito mal, levei um xingão da minha treinadora, a Leda<sup>17</sup> inclusive, que eu tinha até esquecido dela. Tinha a Leda, estava lembrando dos treinadores que eu falei: o Sérgio Stringini, a Lisiane Berge<sup>18</sup>, a Maira Avrusch e aí tinha os treinadores de ballet, não sei se conta, acho que conta né...

N.B. – Tu fez ballet?

A.G. – Sim, tinha que fazer...

N.B. – Tinha que fazer?

A.G. – Tinha que fazer. Aí foi a Ana, a Daniele<sup>19</sup>... Esqueci o nome dela.

N.B. – Não tem problema, quando tu lembrar tu me diz.

---

<sup>14</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>15</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>16</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>17</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>18</sup> Lisiane Xerxenevsky Bergue.

<sup>19</sup> Nome sujeito a confirmação.

A.G – A Sandra<sup>20</sup>, não lembro o sobrenome dela, e a Cris<sup>21</sup>, também foram minhas professoras de ballet.

N.B. – E vocês faziam ballet no clube mesmo?

A.G. – Aham, dentro dessas horas da ginástica.

N.B. – Tu lembra a partir de que momento que tu começou a fazer, ou já era desde o início que tu entrou no clube?

A.G. – Não, foi a partir dos doze anos.

N.B – Enfim, tu já falou sobre a tua família, tua mãe te levava, o tio buscava... Eles acompanhavam tuas competições?

A.G. – Eles nunca foram... Minha mãe sempre ia nas competições, meu pai não. Ele trabalhava de madrugada, tinha que dormir de dia pra ir trabalhar de noite, mas minha mãe sempre ia. Ela não gostava muito de ir porque ela se sentia muito nervosa, então, ela ia, mas ia pouco. Mas para assistir treino, ela nunca foi. Acho que ela foi uma vez quando eu reclamei; reclamei não, apareci com um roxo lá em casa, vários roxos na verdade e ela foi lá pra ver o que estava acontecendo. E só, o resto não se envolvia, na verdade, a grande maioria das mães na época faziam isso. Hoje não, hoje elas ficam na porta esperando.

N.B – Sim. E teus irmãos... Existia alguns campeonatos que eles tinham como acompanhar pela TV? Eles ficavam na expectativa?

A.G. – A minha irmã acompanhava bastante, ela também fez ginástica. Ela é seis anos mais nova que eu, ela também fez um pouco ginástica olímpica, e fez mais ginástica rítmica. Ela tem um biotipo diferente do meu, é mais sequinha; ela é maior, mas acho que

---

<sup>20</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>21</sup> Nome sujeito a confirmação.

ela acompanhava sim, nunca conversei com ela sobre isso, mas acho que acompanhava sim, porque ela falava. E meu irmão recém tem sete anos, mas até onde eu sei, depois que eu voltei a treinar lá com vinte anos... Ele nasceu eu tinha vinte e um, eu lembro que ele olhava “a mana”... O meu irmão é muito pequenininho, mas ele lembra, ele tem uma memória boa.

N.B. – Dessa parte do início da tua carreira, tu tem mais alguma coisa que tu quer colocar que pudesse contribuir para a pesquisa? Algum momento que te marcou, alguma coisa que fosse marcante nessa tua trajetória desse momento inicial?

A.G. – Acho que não. Eu tive bastante lesão, nesse período, eu sofria muito com peso [RISO], não que eu comia demais, não sei. Eu não era gorda para uma pessoa normal, eu não era gorda mas para atleta; eu era um pouco acima do peso, então, sempre sofri demais, com questão de balança. A gente pesava muito, no início não era tanto como no fim, mas até hoje eu sou um pouco neurótica.

N.B. – Então sobre essa parte inicial da tua carreira a gente já falou bastante. Eu queria te agradecer pela a disponibilidade e logo a gente faz outra entrevista.

A.G. – Eu que te agradeço, por ser eu o foco de uma pesquisa. [RISO]

[FINAL DA ENTREVISTA]